opusdei.org

## Jesus Cristo, Alfa e Ômega, o Vivente

15/04/2006

Sábado Santo, 15 de Abril de 2006

"Procurais Jesus, o Crucificado. Não está aqui: ressuscitou" (Mc 16, 6). Deste modo se dirige às mulheres, que vão ao túmulo procurar o corpo de Jesus, o mensageiro de Deus, revestido de luz. Mas, nesta noite santa, o evangelista diz o mesmo a nós: Jesus não é um personagem do passado. Ele está vivo, e como vivente caminha à nossa frente; chama-nos a segui-Lo a Ele, o

Vivente, e a encontrar deste modo também nós o caminho da vida.

"Ressuscitou... Não está aqui". A primeira vez que Jesus falou da cruz e da ressurreição aos discípulos, estes, enquanto desciam do monte da Transfiguração, perguntavam-se o que queria dizer "ressuscitar dos mortos" (Mc 9, 10). Na Páscoa, alegramo-nos porque Cristo não ficou no sepulcro, o seu corpo não conheceu a corrupção; pertence ao mundo dos vivos, não ao dos mortos; alegramo-nos porque - como proclamamos no rito do Círio Pascal - Ele é o Alfa e simultaneamente o Ómega, e, portanto, a sua existência é não apenas de ontem, mas de hoje e por toda a eternidade (cf. Heb 13, 8). Todavia, a ressurreição está de tal modo colocada fora do nosso horizonte, que, reentrando em nós mesmos, percebemos que estamos continuando a discussão dos discípulos: Em que consiste

propriamente o "ressuscitar"? Que significado tem para nós? Para o mundo e a história no seu todo? Uma vez, um teólogo alemão afirmou ironicamente que o milagre de um cadáver reanimado - se é que isso verdadeiramente se verificou, fato em que ele, porém, não acreditava acabaria sendo irrelevante precisamente porque não nos diria respeito. Com efeito, se tivesse sido reanimado uma vez apenas um tal, e mais nada ... de que modo isso teria a ver conosco? Mas, a ressurreição de Cristo é exatamente algo mais, é uma realidade diversa. É – se nos é permitido por uma vez usar a linguagem da teoria da evolução – a maior "mutação", em absoluto o salto mais decisivo para uma dimensão totalmente nova, como nunca se tinha verificado na longa história da vida e dos seus avanços: um salto para uma ordem completamente nova, que tem a ver conosco e diz respeito a toda a história.

A discussão, que teve início com os discípulos, incluiria, pois, as seguintes questões: O que é que sucedeu então? Que significado tem isso para nós, para o mundo no seu todo e para mim pessoalmente? Antes de mais nada: o que é que aconteceu? Jesus já não está no sepulcro. Está numa vida inteiramente nova. Mas, como foi possível acontecer isso? Que forças intervieram lá? Decisivo é o fato de que este homem Jesus não estava só, não era um Eu fechado em si mesmo. Ele era um só com o Deus vivo, unido de tal modo a Ele que formava com Ele uma única pessoa. Encontrava-Se, por assim dizer, num abraço com Aquele que é a própria vida, um abraço não apenas sentimental, mas que englobava e penetrava o seu ser. A sua própria vida não era própria apenas d'Ele, era uma comunhão existencial com Deus e um ser inserido em Deus, e por isso não podia realmente ser-Lhe tirada. Por

amor, pôde deixar-Se matar, mas precisamente assim rompeu o caráter definitivo da morte, porque n'Ele estava presente a dimensão definitiva da vida. Ele era um só com a vida indestrutível, de modo que esta, através da morte, desabrochou de novo. Podemos exprimir a mesma coisa uma vez mais, mas partindo de outro lado. A sua morte foi um ato de amor. Na Última Ceia, Ele antecipou a morte e transformou-a no dom de Si mesmo. A sua comunhão existencial com Deus era, em concreto, uma comunhão existencial com o amor de Deus, e este amor é a verdadeira força contra a morte, é mais forte do que a morte. A ressurreição foi uma explosão de luz, uma explosão do amor que desfez o nó até então indissolúvel de "morrer e transformar-se". Aquela inaugurou uma nova dimensão do ser, da vida, na qual, de modo transformado, se integrou também a matéria, e

através da qual surge um mundo novo.

É claro que este acontecimento não é um milagre qualquer do passado, cuja realização ou não, no fundo, nos pudesse ser indiferente. É um salto de qualidade na história da "evolução" e da vida em geral para uma nova vida futura, para um mundo novo que, a começar de Cristo, incessantemente penetra já neste nosso mundo, transforma-o e atrai-o a si. Mas, como se verifica isto? Como pode este acontecimento chegar efetivamente a mim e atrair a minha vida para si e para o alto? A resposta, à primeira vista talvez surpreendente, mas totalmente real, é: tal acontecimento chega até mim através da fé e do Batismo. Por isso, o Batismo faz parte da Vigília Pascal, como se evidencia também nesta celebração com a administração dos Sacramentos da Iniciação cristã a alguns adultos originários de vários

Países. O Batismo significa precisamente isto: que não está em questão um fato do passado, mas que um salto de qualidade da história universal chega a mim envolvendome para me atrair. O Batismo é algo muito diverso de um ato de socialização eclesial, de um rito um pouco fora de moda e complicado para acolher as pessoas na Igreja. É também mais do que uma simples lavagem, do que uma espécie de purificação e embelezamento da alma. É realmente morte e ressurreição, renascimento, transformação numa vida nova.

Como podemos compreendê-lo?
Penso que será mais fácil de
esclarecer o que acontece no Batismo
se formos ver a parte final da breve
autobiografia espiritual, que São
Paulo nos ofereceu na sua *Carta aos Gálatas*. De fato, as suas palavras
conclusivas encerram o núcleo desta
biografia: "Já não sou eu que vivo, é

Cristo que vive em mim" (Gal 2, 20). Vivo, mas já não sou eu. O próprio eu, a identidade essencial do homem - deste homem, Paulo - foi modificada. Ele existe ainda, e já não existe. Atravessou um "não" e encontra-se continuamente neste "não": Eu, mas já "não" eu. Com estas palavras, Paulo não descreve qualquer experiência mística que porventura lhe tivesse sido concedida e que poderia interessarnos, quando muito, do ponto de vista histórico. Não, esta frase é a expressão do que aconteceu no Batismo. O meu próprio eu é-me tirado e inserido num novo sujeito maior. Tenho de novo o meu eu, mas agora transformado, trabalhado, aberto por meio da inserção no Outro, no Qual adquire o seu novo espaço de existência. Paulo explicanos a mesma coisa, uma vez mais e sob outro aspecto, quando, no terceiro capítulo da Carta aos Gálatas, fala da "promessa" dizendo

que esta foi feita no singular – a um só: a Cristo. Só Ele traz consigo toda a "promessa". Mas o que é feito então de nós? Vós tornastes-vos um em Cristo – responde Paulo (Gal 3, 28). Não um só, mas um, um único, um único sujeito novo. Esta libertação do nosso eu do seu isolamento, este achar-se num novo sujeito é encontrar-se na imensidão de Deus e ter sido arrebatado para uma vida que saiu, já agora, do contexto do "morrer e transformar-se". A grande explosão da ressurreição agarrounos no Batismo para nos atrair. Deste modo ficamos associados a uma nova dimensão da vida, na qual nos encontramos já de algum modo inseridos, no meio das tribulações do nosso tempo. Viver a própria vida como um contínuo entrar neste espaço aberto: tal é o significado do ser batizado, do ser cristão. É esta a alegria da Vigília Pascal. A ressurreição não passou, a ressurreição alcançou-nos e agarrounos. A ela, isto é, ao Senhor ressuscitado nos agarramos, sabendo que Ele nos segura firmemente, mesmo quando as nossas mãos se debilitam. Agarramo-nos à sua mão, e assim seguramos também as mãos uns dos outros, tornamo-nos um único sujeito, não apenas um só. Eu, mas já não eu: tal é a fórmula da existência cristã fundada no Batismo, a fórmula da ressurreição dentro do tempo. Eu, mas já não eu: se vivemos deste modo, transformamos o mundo. É a fórmula que contrasta todas as ideologias da violência, e o programa que se opõe à corrupção e à ambição do poder e do possuir.

"Eu vivo, e vós vivereis" – diz Jesus no Evangelho de João (14, 19) aos seus discípulos, isto é, a nós. Viveremos através da comunhão existencial com Ele, através do estar inseridos n'Ele que é a própria vida. A vida eterna, a bem-aventurada imortalidade, não a possuímos por nós mesmos nem a

temos em nós mesmos, mas por meio de uma relação – por meio da comunhão existencial com Aquele que é a Verdade e o Amor e, consequentemente, é eterno, é o próprio Deus. A mera indestrutibilidade da alma não poderia por si só dar um sentido a uma vida eterna, não poderia tornála uma vida verdadeira. A vida vemnos de ser amados por Aquele que é a Vida: vem-nos de viver com Ele e de amar com Ele. Eu, mas já não eu: é este o caminho da cruz, o caminho que "cruza" uma existência fechada apenas no eu, abrindo assim precisamente a estrada para a alegria verdadeira e duradoura.

Deste modo podemos, cheios de alegria, juntamente com a Igreja cantar no Precônio: "Exulte de alegria a multidão dos anjos (...). Rejubile também a terra". A ressurreição é um acontecimento cósmico, que engloba céu e terra e os

associa um à outra. E ainda com o Precônio podemos proclamar: "Jesus Cristo vosso Filho (...), ressuscitando de entre os mortos, iluminou o gênero humano com a sua luz e a sua paz e vive glorioso pelos séculos dos séculos". Amém!

pdf | Documento gerado automaticamente de <u>https://</u> opusdei.org/pt-br/article/bento-xvisabado-aleluia-2006/ (11/12/2025)